

Autor: MAXADO NORDESTINO

(Franklin Machado)

SACI E BICHO FOLHARAZ NO REINO DA BICHARADA

Direitos de propriedade reservados legalmente



**Preços especiais para colecionadores e
revendedores de Literatura de Cordel**

SACI E BICHO FOLHARAZ
NO REINO DA BICHARADA

Autor: Franklin "Maxado Nordestino"

No tempo em que os bichos
Falavam igual ao homem
Que também é um animal
São que muitos outros come
Inferniza as suas vidas
E até aos seus consome

Mas noutro tempo inocente
O homem entendia tudo
A natureza e os bichos
E estes não eram mudos
Então se deu esse caso
Que conto e não iludo

Comadre onça há tempos
Queria comer raposa
Mas esta é inteligente
Sabe se sair da prosa
Sabe ainda caçar bem
Como a onça que se ousa

Após sair várias vezes
Das presas de dona onça
A raposa andava ingênua
Todavia, é muito sonsa
Na hora de cair no fojo
Aí então se desengonça

De tanto dar golpe errado
Dona onça lhe propôs :
- Comadre, vamos apostar
Que logo-logo depois
Da seca vou lhe pegar
E a raposa disse: apois!

Dedico este folheto a todas as crianças,
(principalmente as órfãs e abandonadas), a-
través dos meus filhos.

- Eu não acredito nisso
E aposto o que quiser
Se a comadre falhar
Como fez com gato Zê
Aquele que lhe ensinou
A pular com um só pé

- Não lhe cobrou nada pelo
Pulo de gato mortal
Mas se eu não for comida
Quero um farrô bem legal
Para todos os amigos
Quando passar temporal

Era um tempo de seca
Nessas matas do sertão
Os bichos não tinham o quê
Comer nem como ração
A água já escasseava
Só tinha agora um caldeirão

A onça pensou consigo:
- Agora será barbada
Pois só tendo uma bebida
Vou ficar entocálhada
Esperando a raposa
Vir beber lá na aguada

As testemunhas da aposta
Foram o homem e sucuri
Dois bichos que garantiam
O que foi acertado ali
De agora em diante
Raposa pensou no fim

Pediú comadre raposa
Conselhos à Caipora
Esta montada no porco
Visagem que apavora
Disse não poder fazer
Nada no tempo d'agora

Aí, então, a raposa
Foi procurar Pererê
O Saci das diabruras
Que não dá nada prá ter
Este então aconselhou
Sem cobrar pela mercê

A água foi s'acabando
E só ficou uma bebida
A onça ficou trepada
Sem sair dessa batida
Tá na hora d'onça beber
Água na sua sortida

Chegava caitetu, porco
Tatu, macaco, preá
Ena, veado, teiú
Paca, cobras e guarã
Enfim, todas suas caças
Que haviam no lugar

Mas dona onça jejuava
Só esperando quem jurou
Comer com tal gulodice
Porisso certo apostou
Com a comadre raposa
Que lhe deixava na dor

A onça se admirou
Quando um bicho diferente
Que nunca viu por ali
Chegou muito de repente
Todo cheio de folhagens
Que passou por ela rente

Ele a se fartar, bebeu
E a onça desconfiada
Esperou prá perguntar
Quem era a enfolhada
Que nunca teve notícia
Naquela mata fechada

O animal respondeu:
- Sou o bicho folharaz
Sei que a senhora é culta
Já soube do meu cartaz
Pois é a dona disto tudo
E governa os animais

A onça prá não passar
Por fama de ignorante
Incucou, porém ficou
Intrigada o bastante
Quis ir atrás mas pensou:
- E se ela vir no restante?

Depois então lá choveu
A onça perdeu a aposta
Pois não pegou a raposa
Que de sede não deu mostra
Pois bebia disfarçada
Se mostrando noutra costa

Raposa chamou as duas
Testemunhas prá falar
Com a onça garantindo
O que ia anunciar
Prá não ser comida viva
Sem ao menos poder gritar

Grande cobra sucuri
E o homem bicho de lado
Foram cobrar da don' onça
O forró bem acertado
Pois ela perdeu a briga
Conforme o combinado

Dona onça conformada
Respondeu que pagaria
Queria saber apenas
Com'era que ela bebia
Pois só tinha uma fonte
E nesta, era vigia

Explicou dona raposa
O que Saci lhe ensinou
Passar o mel pelo corpo
Depois fazer espojador
Em uma ruma de folhas
Que no seu couro grudou

Raposa não tinha força
Prá lutar com maior
Porisso usou a astúcia
Pois que, quem não é o tal
Maior tem que ser melhor
Prá não levar um pau

Camuflada como tava
Desse jeito, não era mais
Dona raposa e sim
O tal bicho folharaz
Que saiu de sua toca
Com uma sede voraz

Como rei, não volta atrás
Assim, a onça marcava
O dia de fazer pagode
Músicos já contratava
E limpou uma clareira
Convidando qu'encontrava

Convidou o bicho homem
Pois êle não era mau
Era um bicho como os outros
Que moram no matagal
Depois foi que êle deu
Prã destruir seu igual

Pois o homem caça, mata
Sem ter a necessidade
Devasta a selva e bosque
Prã construir mais cidade
Leva sua poluição
Com ela, sua maldade

Os bichos então deixaram
De falar pr'êles entender
Arranjaram a proteção
Da Caipora e Perere
Que protegem a floresta
Prã ela não padecer

Derrubou árvore do bem
Acabou com paraíso
O homem deixou de ser anjo
E ganhou o seu juízo
Todavia, mesmo pensando
Causa grande prejuízo

Porém, na festa da onça
O homem ainda era
Um ingênuo como bicho
Podes crer, que é de vera
E linda estava a noite
Nessa bela primavera

Começou forrobodô
Logo quand' entardecia
Uma orquestra tocava
Praquele que lh'aprecia
Tudo estava uma beleza
Como a raposa queria

Com muitos chegados já
Papagaio anunciava
Fazendo suas macacadas
O macaco apresentava
Vamos falar da orquestra
Que lá então já tocava

Grilo tocava o apito
Deixando alguém grilado
O triângulo d'araponga
Marcava ritmo lascado
Tatu foi de cavaquinho
O fole foi ensapado

Uirapuru bem cantava
Alternando com o galo
Xexêu na segunda voz
Nisso enguliu um talo
Desafinou no solfejo
Ficando só no entalo

O contra-canto ficava
Com velho mestre jumento
O bode na marcação
Fez o seu bodejamento
Quando passava ovelha
Fazia enxerimento

A guariba e o gato
Dançavam passo pulado
O tangará orgulhoso
Fazia sapateado
Maestro era o pinguim
Que regia um xaxado

A sucuri que dançava
Abraçada com a formiga
Pedi licença prá sair
Embora fosse amiga
Pois ela pisou seu rabo
Como quem quisesse briga

Botaram dona preguiça
Numa roda dando olê
Dançando roque ande ror
Sô prá ela mudar o pé
Levou mais de uma hora
Mudou tomando rapê

Doação do autor
Out.: 21/02/78

Quando a beija-flor foi
Tirada para dançar
Tocou um samba-canção
Tão dolente de parar
E que ela atravessava
E chutava o seu par

Saci dançava direito
Embora com um pé só
Caipora de pé prá trás
Também tava no forró
Se requebrava cantando
Música que sabe de có

Peixes saíram do rio
Vieram apreciar
E depois da meia-noite
Todo mundo foi xaxar
Ficou só dona baleia
Que preferiu ir fumar

Dançava bichos com gente
No Reino da Bicharada
Os tais comes e os bebes
Vararam por madrugada
É com saudade que lembro
Daquela mata encantada

M- anheceu e os animais
A- migos demais ficaram
X- axaram der da mata
A- té que não e cansaram
D- esta festa de arromba
O- restante me contaram. (FIM)

Feira de Santana, janeiro de 1977.

202

↓

Pedidos: Rua Augusta, 1524 - loja 55
Tel. 289-8725 São Paulo - SP.